



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

NAS ENTRELINHAS DO TEXTO: UM ESTUDO DAS RASURAS EM MANUSCRITOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MALANNE DE BARROS BARBOSA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO

O presente artigo trata da análise e compreensão das rasuras, bem como de sua tipologia em manuscritos de alunos do Ensino Fundamental I. O objetivo é apresentar a importância das rasuras como forma de refletir sobre as condições de produção escolares e a atribuição do manuscrito a um objeto de ensino-aprendizagem. Desta forma, busca-se também desmistificar a rasura como algo errôneo, para ser passada a limpo pelo risco de 'sujar' a produção final, ideia amplamente difundida nas escolas. A coleta de manuscritos foi realizada em uma escola particular da cidade de Maceió, com alunos na faixa etária entre 8 e 9 anos, tomando como objetos centrais três manuscritos para análise das rasuras. As reflexões do presente trabalho foram feitas à luz dos estudos de Almuth Grésillon (2007), Eduardo Calil (2008) e Cláudia Lemos (2006), que nos trouxeram a possibilidade de refletir sobre a rasura como uma retomada em que o sujeito revela a sua imersão no funcionamento da língua.

Palavras-chave: linguagem, manuscritos, rasuras, escolas **ABSTRACT**

This article deals with the analysis and understanding of erasures as well as their type in elementary school students' manuscripts. The goal is to present the importance of erasures as a way to reflect on the school production conditions and the attribution of the manuscript to a teaching and learning object. In this way, we seek to demystify also the erasure as something wrong, to be set right by the risk of 'dirty' final production, an idea widely held in schools. The

collection of manuscripts was held at a private school in the city of Maceió, with students aged between 8 and 9 years, taking as central objects three manuscripts for erasure analysis. The reflections of this work were made in the light of studies Almuth Grésillon (2007), Eduardo Calil (2008) and Claudia Lemos (2006), who brought us the opportunity to reflect on the erasure as a replay in which the subject reveals his immersion in the language functioning .

Keywords: language, manuscripts, erasures, schools

Introdução Há um grande contingente da sociedade que vislumbra os escritores literários como pessoas iluminadas com o dom da escrita. Tal ideia tem sido difundida há séculos e não perdeu sua força, tanto que nas escolas esse pensamento ainda é frequente no ensino da língua. Para muitos professores, determinados alunos tem uma capacidade inata de escrever bem e prolixamente, desconsiderando as condições de produção pelas quais aquele aluno passou até chegar ao que é conhecido como 'texto final'. Entretanto, através dos estudos de Grésillon (2007) sobre Crítica Genética, foi possível desmistificar a teoria de iluminação dos escritores, mostrando por meio da análise dos manuscritos literários deixados pelo autor o caminho percorrido pelo mesmo até a publicação de seu texto. De fato, o estudo dos manuscritos literários permitiu que pesquisas voltadas para o âmbito escolar fossem desenvolvidas, tendo como objeto de análise o manuscrito escolar. Manuscrito literalmente feito à mão, repleto de adições, riscos e rasuras, tão desconsideradas perante os professores. Há uma relutância em aceitar o manuscrito escolar devido ao seu caráter de incompletude, erro e 'sujeira'. Porém, é por meio das rasuras dos manuscritos que o professor consegue visualizar o encaminhamento da escrita do aluno, observando a palavra que deveria ter existido, mas foi omitida, buscando compreender a razão para tal fato. O presente texto foi elaborado com o objetivo de proporcionar uma análise de rasuras em manuscritos de alunos do Ensino fundamental e as possíveis inferências em sua escrita. Para tanto, procurou-se inicialmente abordar a Crítica Genética, os aspectos históricos do manuscrito e as operações constitutivas da rasura. Em seguida, apresentou-se os procedimentos metodológicos da coleta dos manuscritos, montando um panorama descritivo-quantitativo dos participantes, o material de análise e os manuscritos escolhidos. Posteriormente, buscou-se a reflexão das rasuras presentes nos manuscritos, destacando sua tipologia em cada trecho dos manuscritos e suas possíveis inferências. Por fim, teceram-se algumas considerações finais que trataram das limitações deste trabalho e as implicações pedagógicas deste estudo. **O manuscrito e o manuscrito escolar**

Quando se discute acerca de Crítica Genética, a questão do manuscrito é o eixo norteador dos estudos. Entretanto, o que vem a ser o manuscrito?

À primeira vista tem-se uma ideia de algo escrito à mão, em status de esboço, algo a

ser melhorado. Gresillón (2007) aponta que, em oposição aos atuais escritos modernos, com bordas e linhas bem definidas, encontra-se o manuscrito, em estado selvagem, onde cada página encontra sua forma própria, sua liberdade, ritmo e variação. Neste sentido, o manuscrito possui os traços de um ato, algo que está sendo feito, em construção, com seus avanços e bloqueios, acréscimos e reflexões sendo, portanto, um manuscrito de trabalho. Numa análise mais focada, é possível perceber que o manuscrito contém inscrições sobre o tempo da escritura, seja com a data previamente escrita pelo autor, seja por meio de um estudo sobre o interregno do início de uma obra e seu término, sendo este interregno o tempo dos manuscritos. É possível ver outras análises para o conceito de manuscrito, como a defendida por Calil (2008) como o de qualquer texto escrito a mão, e mais, a obra de um escritor em sua versão original, atribuindo-lhe o caráter de manuscrito devido ao fato de não ter sido publicada. Apesar dos estudos sobre os manuscritos, eles ainda são vistos como secundários, o que não é diferente da visão que a escola tem sobre as escritas dos alunos. Há uma desvalorização crescente dos manuscritos dos alunos, considerados rascunhos, e uma supervalorização do produto final, pronto, acabado, sem rasuras, desconsiderando o processo de produção da escrita pela qual o aluno teve de passar, nada muito diferente do que acontece com os escritores em seus manuscritos modernos. O autor define então a ideia de manuscrito escolar como “tudo aquilo que, relacionado ou não ao ensino da língua portuguesa escrita, o *scriptor*¹ produz na sua condição de aluno” (CALIL, 2008: 24-25). O manuscrito escolar é o produto de um processo estrutural que tem a escola como pano de fundo e referência, trazendo a heterogeneidade de material devido às diversas práticas de textualização e oferecendo as condições de produção do escrito, diferentemente do que ocorre com os manuscritos literários, em que o escritor passa por uma demanda inconsciente durante o processo de criação. O manuscrito, seja ele literário ou escolar, é objeto material caracterizado por diversos parâmetros como o suporte, onde o manuscrito se inscreve, sendo o mais popular deles o papel. Diversos escritores utilizam o verso de seus escritos, por vezes rasurados, como ecos de sua autoria. As ferramentas utilizadas pelos autores passam desde o lápis até uma máquina de escrever (atualmente substituída pelo computador). A esses últimos, atribui-se o nome de “datiloscritos”, termo em que os autores que defendem o uso das máquinas ao da escrita manual afirmam que a ideia passa pela mão do autor rumo ao papel e somente na hora de passar a limpo é que eles confiam à máquina. Sobre isto, Grésillon afirma

Entramos numa era sem rascunhos. O terceiro milênio terá ainda, indubitavelmente, livros impressos. No entanto, provavelmente, haverá

menos manuscritos de autores no sentido escrito. (GRESILLON, 2007:63)

Há certa dúvida acerca do estatuto de manuscrito aos materiais que são escritos diretamente nas máquinas e computadores, tendo em vista que aparentemente não há como recuperar as rasuras e os vestígios de autoria nesses documentos. O poder investigativo da Crítica Genética depende da existência de vestígios. Leva-se tempo até elucidar todos os processos pelos quais um projeto mental percorre até tornar-se texto. O manuscrito, antes de tornar-se objeto de conhecimento científico, é um objeto cultural. As variações linguísticas, as características de uma sociedade, a progressão da língua, tudo isto é marcado por meio do manuscrito. "A escrita manuscrita não carrega somente as marcas cintilantes e frágeis da subjetividade. Ela é também, e muito antes, a expressão de uma tradição cultural e nacional." (GRESILLON, 2007: 70) Assim como o livro, a obra de arte e a música, o manuscrito faz parte dos valores culturais e patrimoniais de uma sociedade.

A Crítica Genética e os manuscritos modernos A Crítica Genética é um campo de estudos relativamente recente e vem percorrendo um caminho de paciência e pesquisas minuciosas ao longo dos anos. Segundo a principal representante da área, Grésillon (2007), a Crítica Genética carrega consigo traços do estruturalismo como os métodos analíticos e reflexões sobre a textualidade, sem, porém, manter a rigidez de seu antecedente, de forma que

[...] a crítica genética instaura um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo de escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um fazer, como atividade, como movimento. (GRESILLON, 2007: 19)

A Crítica Genética prioriza o processo em lugar do produto, do dinâmico em lugar do estático. Entretanto, por que debruçar-se sobre os manuscritos?

Como analisar ou qualificar documentos que não são destinados a nenhum olhar a não ser o do próprio escritor?

Quais as contribuições de uma análise de fragmentos ao invés de um texto completo?

Primeiramente, há uma necessidade de compreender como se deu o

processo de criação do texto e a fonte desse estudo está contida nos manuscritos que antecederam o “texto” final. O escritor percorre caminhos de bifurcação, alternando entre o que é e o que poderia ter sido. Esta possibilidade de vir a ser clarifica-se nas anotações marginais deixadas nas escrituras dos autores. A Crítica Genética aparece não apenas como um novo gênero literário, mas como uma forma de desmistificar o texto considerado definitivo e, por conseguinte, a ideia de um escritor iluminado². O autor é o construtor de sua obra, devendo percorrer passo a passo o árduo caminho da criação literária. Neste aspecto, surge a figura do geneticista, responsável por estudar cuidadosamente os manuscritos com o olhar inferente. Ele decifra o antetexto, com suas rasuras e possibilidades descartadas a priori pelo escritor e a partir deste olhar o pesquisador formula suas hipóteses sobre as possíveis significações do texto. Sua tarefa

Consiste em deixar ver, isto é, tornar disponível, acessível e legível os documentos autógrafos que não passam, num primeiro momento, de peças de arquivos, mas que ao mesmo tempo contribuíram para a elaboração de um texto e servem de testemunhas materiais de uma dinâmica criadora. (IDEM, 2007: 29)

É necessário lembrar que o poder investigativo da crítica genética consiste nos vestígios e marcas de autoria deixadas pelo escritor em seus manuscritos. A escrita completa estes pressupostos, pois é o traçado de uma escrita manuscrita o vestígio essencial. O manuscrito pode ser permeado de cores, siglas e códigos, ora circundando todo o papel, ora enviesado, ora repleto de desenhos e garatujas para enriquecer ainda mais sua profundidade. Este conjunto de variantes pode determinar a intencionalidade do autor ao, por exemplo, comprimir ao máximo as palavras numa folha como possível receio de que a página seguinte possa não dar continuidade a sua reflexão. A descoberta do manuscrito passou a modificar o olhar do pesquisador frente às obras ditas finais, abrindo margem a diversas interpretações. Contudo, é necessário destacar que a Crítica Genética não pretende revelar nenhuma obra desconhecida ou contestar aquilo que já foi dito pelos literatas; ao contrário, volta-se a uma reflexão do conceito de escritura, buscando intervir sobre a elaboração de uma estética de produção. Grésillon (2007) é específica: “Não nos enganemos. A atenção dada à escrita mais do que ao texto não significa de

modo algum um desvio dos estudos literários” (p. 37). A Crítica Genética apoia-se nos manuscritos para compreender sua gênese, mas tão somente quando existem traços da criação. **As operações constitutivas da rasura**

Como visto anteriormente, o texto final, seja de um escritor literário, seja de um aluno, é mais valorizado do que o manuscrito produzido pelos mesmos. A presença de rasuras parece desqualificar a escrita, fazendo com que o texto pareça sujo ou inacabado. A aparência provisória da rasura também impede que ela apareça em textos públicos, onde ela passa a ter um caráter negativo de adulteração, negativação ou falsificação. Em âmbito escolar não há espaço para o manuscrito, que acaba sendo visto como um texto ‘mal grafado’ que precisa ser passado a limpo, em geral escrito a lápis, para que o uso da borracha não deixe vestígios de erro. Contudo, a rasura tem na Crítica Genética sua principal defensora, pois é por meio dela que são reveladas as fases da escritura e os movimentos reflexivos do autor em meio à produção do manuscrito. Segundo Calil (2008), as rasuras são os indícios da relação do escritor com seu escrito e demandam conflitos durante o processo de escritura. Grésillon (2007) apresenta a rasura sob um forte paradoxo “a rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos” (p. 97). Neste sentido se encontra o geneticista, possibilitando ver através da rasura o que poderia ter sido texto, mas não foi. A rasura dispõe de três formas fundamentais de aparecimento na escrita. A primeira e mais comum é a imediatamente visível, permitindo reconstituir o sentido do que havia sido escrito. Pode ser conhecida em forma de linha de rasura ou sob outras formas que expressem anulação, como hachuras e gradeados. Em geral podem ou não seguir a adição de uma palavra, frase ou até mesmo de outro texto. A segunda forma de rasura, também visível ao leitor, porém não permitindo que o sentido original do texto seja resgatado, é o borrão de tinta. É talvez a forma mais frequente em manuscritos, em especial os escolares, devido ao receio do ‘erro’ diante do leitor, ou também pelo desejo de manter oculto aos olhos do leitor a escrita primitiva. A terceira consiste em uma espécie de rasura imaterial, não marcada sobre o papel, mas apresentada na forma de diversas reescritas de um mesmo texto em laudas diferentes. Entretanto, a função da rasura não é apenas anular um termo escrito, visto que essa é apenas uma de suas funções. Conforme Grésillon (2007)

Reescreve-se a fim de conseguir uma melhor adequação do texto e da imagem abstrata que dele se tem confusamente. Desloca-se por que se estima que determinada unidade fica melhor em um lugar mais acima ou mais abaixo no texto. Suprime-se para estreitar, renunciar, rejeitar,

censurar etc. (IDEM, 2007: 100) O processo de reescritura por meio da rasura encontra-se ainda em quatro posições diferentes dependendo da forma como o escritor registra a rasura. A primeira posição refere-se a unidade rasurada e a sua variante encontradas numa mesma linearidade, o que é chamado de variante imediata, pois o termo substituto vem imediatamente depois do termo rasurado. A segunda posição encontra-se acima da linha rasurada, de forma interlinear. Caso não haja espaço para tal, a reescrita acontece abaixo da linha. A terceira posição é uma rasura marginal, que percorre as margens do fólio devido à falta de espaço. A quarta e última posição coincide com a rasura imaterial, pois não ocorre rasura e o escritor reescreve um novo texto em outro papel, quantas vezes forem necessárias. De forma especial, há diferenciações quanto à primeira posição da rasura e as demais. “Em oposição à ‘variante de escritura’, que intervém no curso da pena, os três outros tipos de reescritura dizem respeito a variante não imediata” (GRESILLON, 2007: 101). O fato é que para que a rasura exista, é necessária uma releitura do escrito a fim de perceber os traços de possibilidade no manuscrito e isso requer sensibilidade por parte do escritor. Devido a isso, muitas reescrituras podem ocorrer anos depois do primeiro manuscrito. Deve-se levar em conta também que muitas rasuras são feitas pelo escritor em sua própria mente, sem registro algum, sem vestígios ou marcas de alteridade, privando o geneticista do acesso ao movimento de produção textual. **Os estudos sobre o erro e a rasura nos manuscritos escolares** Quando nos debruçamos sobre os manuscritos literários, vemos a importância das rasuras para a compreensão do percurso do escritor até o seu ‘texto final’. Porém, a mesma importância não é dada as rasuras presentes em manuscritos escolares. Anteriormente já definidas como algo que mancha o texto e que pode inviabilizar a leitura do professor, as rasuras possuem um estatuto negativo diante da sociedade. Uma rasura presente num documento oficial confere-lhe um caráter de adulteração, falsificação ou negação. Em se tratando dos manuscritos escolares, raras são as práticas didáticas que conservam os ditos rascunhos rasurados dos alunos como documentos de produção escolar. Um sinal muito forte do quanto às rasuras são abominadas na escola é o uso de lápis e borracha para “limpar” o escrito. Outro sinal é visto, de acordo com Calil, com a expressão ‘passar a limpo’.

Em sala de aula, o rascunho e suas prováveis rasuras não fazem parte do

processo escritural. Nas poucas vezes em que ele está presente nas práticas de textualização na escola, seu valor é de texto secundário, de menor importância. Nessas práticas, o rascunho não é considerado nem como objeto de aprendizado, nem como objeto de ensino, já que tem um caráter provisório, que conterá algumas ideias ou apenas um esboço, algo que ainda receberá sua forma bem acabada, sem rasuras e com uma boa letra, antes de ser entregue ao professor. (CALIL, 2008: p. 33)

Entretanto, é praticamente impossível escrever sem rasuras. Desde um simples bilhete até um romance de 400 páginas, todo texto passa pelo processo de apagamento, supressão, adição ou deslocamento de elementos e não é diferente num manuscrito escolar. Na verdade, o ato da rasura já denota um retorno a uma ideia que está a ponto de emergir, uma reflexão sobre aquilo que se escreve. O erro nos manuscritos escolares acaba passando por ainda mais desaprovação do que as próprias rasuras. Porém, o que vem a ser o erro?

Segundo Figueira (1995), o erro "reúne sob designação tudo o que de diferente e particular a fala da criança pode apresentar, em comparação com o sistema linguístico adulto, inevitavelmente tomado como referência". (FIGUEIRA, 1995: p. 147). A autora utiliza a expressão *ocorrência enigmática* em substituição a ideia de erro, tendo em vista que nem sempre se é possível explicar como a criança deu origem aquela palavra ou frase. Embora as palavras de Figueira sejam direcionadas à fala da criança, tomamos aqui o erro (ou ocorrência enigmática) presente na escrita, como algo que foge ao sistema linguístico adulto e que não foi refletido ou repensado pela criança em suas rasuras. Em outras palavras, a ocorrência enigmática encontrada na escrita dos alunos em seus manuscritos convoca uma interpretação por parte de quem lê, neste caso o professor. Estas ideias vêm quebrando a convenção de relação escrita-fala que muitas vezes é utilizada para justificar o erro da criança. O erro deve ser tido mais como um

produto de um movimento em direção a sistematização, à constituição de um recurso linguístico [...] As inovações resultantes não são, num certo sentido, totalmente imprevisíveis. Seriam criações que podem ser contempladas por um funcionamento já presente no mecanismo da língua. (FIGUEIRA, 1995: p. 157-158)

Desta forma, é possível compreender tais ocorrências nos manuscritos como aceitáveis e até mesmo previsíveis, visto que as mesmas não se encontram tão além das normas linguísticas. A criança está em processo de sistematização da língua e ressignifica sua escrita por meio da rasura e dos erros contidos em seus manuscritos. **Panorama descritivo e quantitativo**

A pesquisa em questão foi realizada em uma sessão de intervenção³ numa escola da rede privada da cidade de Maceió. O público alvo foi uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, com alunos de faixa etária compreendida entre 9 e 11 anos. A proposta levada aos alunos era a de ouvir atentamente uma mesma história por três vezes, contada pela pesquisadora. A história selecionada foi "Rapunzel", por ser de conhecimento de todos os alunos e de fácil apreensão. Após escutar a história três vezes, cada aluno deveria registrar o que ouvira e lembrara da história num papel. A eles também foi explicado que poderiam apenas utilizar caneta azul ou preta para escrever a história e que ao perceberem que erraram algo, deveriam passar um traço na palavra em questão e reescrevê-la a seguir, de modo que fosse conservada a rasura. Interessante ressaltar o quanto alguns alunos tiveram dificuldade em deixar o 'erro' a mostra, esforçando-se para não apenas passar o traço, mas riscar toda a palavra, deixando-a ilegível e tornando-a uma rasura borrão, como visto em Grésillon. Outros alunos não registraram a história ouvida, pedindo permissão para criar outra. Desta forma, foi perceptível a fluidez do texto e a liberdade na escrita, o que não isentou o manuscrito das rasuras; ao contrário, enriqueceu-os inclusive com ocorrências enigmáticas, que serão vistas adiante. Após a coleta, os manuscritos foram analisados para observação das rasuras. Foram contabilizados treze manuscritos, dos quais apenas três foram selecionados para análise mais aprofundada.

Reflexões sobre a rasura nos manuscritos escolares

Já foi dito anteriormente o quanto as rasuras possuem o aspecto de algo inacabado, sujo e de menor importância. Entretanto, as mesmas rasuras que são depreciadas nas práticas pedagógicas são responsáveis pela compreensão do caminho que o aluno trilhou até chegar ao texto dito final. Os manuscritos selecionados durante a pesquisa possuem algumas similaridades no que concernem as rasuras, similaridades descritas ao longo da análise, que se debruçará sobre a tipologia das rasuras presentes nos manuscritos. **Manuscrito 1: A. L. D. – 10 anos** O manuscrito 1 contabiliza onze rasuras, a começar do título da história, em que a aluna utiliza uma rasura interlinear, acrescentando a letra 'n' ao nome *Rapunzel*. Este tipo de rasura denota, segundo Grésillon, um movimento de reflexão que ocorre após retirar a caneta do papel. Já um

caso de variante imediata é perceptível na oitava linha do excerto, por meio da palavra 'subil', imediatamente corrigida pela aluna para a forma 'subiu', acordando com os padrões normativos da língua. As rasuras presentes em seu manuscrito ocorrem nas próprias linhas do rascunho. 1 RAPU(N)ZEL 2 ERA UMA VEZ UMA MENINA MUITO BONITA 3 ELA SEMPRE QUERIA VER AS LUZES FLUTUANTES ELA ÍA 4 FAZER 16 ANOS E ELA ERA MUITO PRESA ELA SENPRE 5 SONHOU EM SAIR NO MUNDO LÁ FE FORA UM BELO DIA 6 CHEGOU A MALVADA BRUXA AI A BUXA FALOU 7 RAPUNZEL, RAPUNZEL JOGE SUAS TRANÇAS ELA FALOU 3 VEZES 8 ELA NÃO RESPONDEU AÍ Á BRUXA SUBIL SUBIU DE Outras peculiaridades encontradas no manuscrito 1 estão presentes na rasura da nona linha, aonde a aluna grafa a palavra *elevador* omitindo a letra 'o'. Percebendo a rasura, ela imediatamente reescreve a palavra da forma correta. Sua rasura pode ser entendida como uma necessidade de antecipação do fim da palavra, por meio do adiantamento da última letra. 9 UM ~~ELEVADR~~ ELEVADOR MÁ S COMO ELE ERA ESCONDIDO QUAN- 10 DO ELA CHEGOU NÃO ENCONTROU A BELA E DOCOE RAPEZEN 11 RAPUNZEL AI A BRUXA FICOU MUITO BRAVA AI ELA Na décima linha é possível perceber duas rasuras seguidas, embora sejam completamente diferentes. A primeira diz respeito a palavra *doce*, escrita pela aluna como *doco*. Sua rasura acontece por cima da última letra, substituindo 'o' por 'e'. Pode se tratar de uma rasura interlinear, pois se encontra sobrescrita à palavra original, embora não tenha sido riscada pela aluna. A segunda rasura situa-se na palavra Rapunzel, escrita como "Rapezen". Na rasura pode-se ver a mesma tentativa de antecipar a escrita da palavra, realizando a troca de letras, redistribuídas ao longo da palavra, quase a tornando uma ocorrência enigmática, como visto em Figueira (1995). **Manuscrito 2: E. – 9 anos** O manuscrito 2 contabiliza nove rasuras e conta com a mistura de duas histórias distintas. A primeira rasura que surge na terceira linha do manuscrito é uma ocorrência enigmática, que convocou uma explicação durante a análise. 1 DUDA E SEUS CAIXINHOS DOURADO 2 ERA UMA VEZ UMA MULHER QUE ESTAVA DANDO A LUZ 3 A UMA ~~MENICH~~ MENINA CHAMADA DUDA E ELA ERA BRAN- 4 -QUINHA COM OS BEM LISOS E ELA TINHA OS OLHOS AZUL E É nítida a intencionalidade da aluna ao registrar a rasura, pois ao mesmo tempo em que causa estranhamento devido a improbabilidade da palavra, também demonstra uma antecipação à palavra seguinte: *menina chamada* torna-se *menich*. A rasura é linear e possui uma variante imediata, visto que a correção ocorre logo em seguida, sendo igualmente visível para o leitor. Outra rasura igualmente curiosa está presente na décima oitava linha do excerto. 16 A MENINA CHORANDO E A MENINA PERGUNTOU QUEN ERA 17 ELE E ELE DICE QUE ERA O PRÍNCIPE E ELE LEVOU ELA 18 PARA O CASTELO E COLOCOU ELA EM UM CARTA QUARTO A curiosidade encontra-se no fato de

que a palavra rasurada não está grafada de modo incorreto, mas aparece deslocada do sentido real do manuscrito. Em nenhum momento fala-se em *carta* durante a escrita, na verdade, a palavra original, conforme vemos, é *quarto*. Então, por que a aluna escreve *carta* se não há referência alguma no texto?

Ora, o ato de colocar demanda colocar algo e a possibilidade 'carta' surge deste fato. Irrompe da cadeia metafórica metonímica de possibilidades de uma frase. 24 O PRINCIPE RA PARA LEVA ELA PARA CASA E ELE 25 ELEVOU ELA A MÃE DELA FICOU TAM FELIZ MAIS 26 TAM FELIZ QUE ELA DEU UMA FESTA E DEPOIS DA 27 FESTA A MENINA CONTOU TUDO A MÃE E A MÃE 28 PERGUNTOU PORQUE SÔ ^{SEU} CABELO ESTA DIFERENTE PORQUE A rasura presente na vigésima quarta linha também expressa antecipação, desta vez adiantando a última sílaba da palavra *para*. Esse tipo de rasura é comum em manuscritos escolares devido a velocidade do pensamento ser maior do que a da escrita. A rasura encontrada na vigésima sétima linha busca uma concordância entre a palavra *tudo* e o substantivo feminino *mãe* escrito a seguir, originando a rasura *tuda*, linear e visível. Por fim, a rasura da vigésima oitava linha é interlinear, visto que a palavra correta é escrita acima da rasura. É possível observar o mesmo movimento da rasura anterior, em que a aluna quis concordar o máximo possível o pronome possessivo com o substantivo masculino *cabelo* por meio da desinência 'o', retomando logo depois a forma apropriada *seu*. **Manuscrito 3: J. – 11 anos** O manuscrito 3 possui cinco rasuras e é o único manuscrito dentre os selecionados que apresenta sinais de pontuação. 8 RES AMIGOS COM O PASSAR DO TEMPO ELES RESOVERAM 9 IR PARA A CIDADE ELESQ ESTES ERAM CRIANÇAS E VIVIAM A rasura encontrada na nona linha do manuscrito do aluno é uma ocorrência enigmática, aonde a primeira vista lê-se ELESQ, o que não concorda com nenhuma norma ou padrão visto no próprio texto. A inferência que é possível estabelecer encontra-se na intencionalidade do aluno, que poderia ter pensado em escrever 'eles queriam' (referindo-se aos meninos de rua em seu manuscrito). A rasura é linear e de variante imediata, visto que a substituição é feita imediatamente em seguida. Na décima terceira linha é possível ver a letra 'c' rasurada, numa tentativa do aluno de antecipar e escrever a palavra *cachorro quente*, que vem logo após. É provável que tenha 13 SE VOÇÊS PAGAREM UM € EU DOU 4 CACHORRO QUENTE 14 ENTÃO ELES PEDIRAM NA RUA DINHEIRO, PASSOU 15 UM CARRO VERMELHO COM UMA MULHER DENTRO 16 ELA CA CHAMOU ELES DOS PARA DENTRO NAO CARRO tentado evitar a repetição da palavra em questão, por isso a rasurou e escreveu depois. Um tipo semelhante de antecipação encontra-se na décima sexta linha, com a rasura CA, prevendo a escrita da palavra *chamou*, neste caso omitindo o 'h' e alternando imediatamente para a letra 'a'. A última rasura do manuscrito aparece

sobrescrita no gênero, não sendo riscada, mas tão somente sobreposta. Todas as rasuras aqui analisadas apresentaram suas especificidades e singularidades. A quantidade de rasuras dos manuscritos pode levar a compreensão de que quanto mais rasuras presentes num manuscrito, maiores os movimentos de reflexão e retomada de sentido que o aluno realizou, embora não signifique dizer que a qualidade de um manuscrito seja afetada pela quantidade de rasuras presentes, mas tão somente possibilita visualizar as condições de produção daquele texto. **Conclusões** Os estudos sobre as rasuras presentes nos manuscritos, em especial os escolares, ainda abarcam um leque de dúvidas acerca do seu aparecimento. Muitos professores têm dificuldades em lidar com os rascunhos e rasuras de seus alunos e de que forma podem utilizar estes escritos como objeto de ensino e aprendizagem. O primeiro passo é, sem dúvida, desmistificar o caráter depreciativo das rasuras, mostrando aos professores a importância de se compreender o caminho traçado pelo seu aluno até chegar ao resultado final, oferecendo a ele as condições de produção adequadas para a tarefa. As rasuras são o vestígio do movimento de reflexão que o scriptor fez durante a escritura e fazem com que ele reveja sua trajetória como escrevente. Faz-se necessário explorar tais vestígios junto com o aluno, incentivando o uso de rascunhos, oportunizando desta forma um amadurecimento da escrita e a quebra da ideia de que escrever é um dom para poucos. Por fim, as rasuras mostram a intencionalidade do scriptor e a necessidade do professor em entender o porquê daquela rasura. Desta forma, recria-se a trajetória da escrita e estimula-se o movimento de autoria do aluno enquanto alguém que escreve e que lê e reflete sobre o que escreve, conforme vê-se em Lemos (2006) quando ela discorre sobre a fala da criança "É na terceira posição que a criança enquanto sujeito falante se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro." (LEMOS, 2006: 99).

Referências ABAURRE, Maria Bernadete Marques. (Re) escrevendo: o que muda?

In: ABAURRE, M. B. M. ; FIAD, R. S. & MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Mercado de Letras – ALB: Campinas, 1997. CALIL, Eduardo. **A escuta e o funcionamento da rasura**. Revista Leitura. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras – número temático de Língua Portuguesa: A criança e o texto. v.20. Maceió, jul./dez. 1997. CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível: escritura e poesia na sala de aula**. Editora Unesp: São Paulo, 2008. FIGUEIRA, Rosa Attié. **Erro e enigma na aquisição da linguagem**. Letras de Hoje. Porto Alegre. Vol. 30, p. 145-162, dez. 1995. GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de**

crítica genética: ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. LEMOS, Cláudia. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. In: Lier-DeVitto, M.F. & Arantes, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2006.

1. Scriptor, aqui, concorda com a definição dada por Calil (2008), como aquele que escreve e aquele que lê, o sujeito que não é senhor do seu manuscrito, diferindo do conceito do dicionário Houaiss (2001) como "aquele que copia".
2. A crítica genética veio de encontro a uma psicologia da criação, aonde o escritor possuía um dom para a escrita, sendo portanto considerado iluminado. A escrita era considerada uma atividade para poucos escolhidos.
3. A intervenção foi realizada no dia 20 de abril de 2015.

¹Malanne de Barros BARBOSA /PPGE/UFAL Mestranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas

Recebido em: 21/06/2016

Aprovado em: 22/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: